

*Quando minha mão direita toca meu braço
esquerdo, quem e que toca? E que é tocado?
Sou o objeto e sou o sujeito ao mesmo tempo.*

M. Ponty

L.A.Passos - UFMT

O projeto RuAção mostrou, também a importante papel desempenhado em algumas inspirações metodológicas que nos retornou ao coração da Pedagogia de Paulo Freire, e de certa forma o seu humanismo emancipatório, e ao mesmo tempo, juntar com o forte caráter da obra de Merleau-Ponty que irá beber, de maneira muito contemporânea nas epistemologias que consideram a ciência como *indescartável*, - sem seu 'cientificismo'.

A valoração da *animalidade* como paradigma contemporâneo de não jamais subjugar a natureza, mas reavaliar nossa necessidade de retornar a ela e apreender com todas as outras espécies que nos são complementares e fundantes para nossa existência. Novas formas mais ampliadas do mesmo carinho e amorosidade de Freire, estar referido à relação com todos os seres humanos-e-não-humanos, em busca da convivialidade e da justiça ambiental e da paz. A ênfase no corpo como lugar primordial do saber, do fazer, da ética e da criação.

Merleau-Ponty assegura em sua proposta educacional a impossibilidade de estabelecer uma fissura em que o pensamento adquira uma supremacia, posto que **não se pensa sem o corpo**, ao contrário; se fala, se escreve, se dança, e se expressa da carne com a carne, para poder pensar. E, nas mais importantes ações de inteligência, e expressividade, toda a dimensão das práticas orientais mostram o quanto o "vazio" da mente (Budismo, Xintoísmo) oportunizam uma operação vital, imaginação, capacidade de expressão máxima, de valorização de atos cujo pensamento racional costuma agir na contramão da prontidão, da avaliação global mais correta, da rapidez necessária, tanto para a defesa como para manutenção da vida quando ameaçada.

Merleau-Ponty dizia que o corpo é um cérebro antes do cérebro. Eu costumo dizer que, infelizmente a filosofia das Luzes, trouxe noções nas quais o voluntarismo, a solidão concorrente e excludente de toda outreidade; e, disso a violência mostrou que o que forjamos foi um sistema marcado pela guerra, pela homogeneização, pelos universalismos confundidos como produtos idênticos a normalizarem pessoas, conseguiu destruí-las.

Merleau-Ponty tem da Interculturalidade, a visão de jamais podermos ser, sem outros/as dos quais **todos somos relação**. A capacidade da vida fornecer-nos uma **endo-ontologia**, isso é um estar sendo a partir do interior do nosso corpo, que é irradiante, inerente, e por ebulição, sempre nos fará diversos. E seremos universais porque todos e todas, sem exceção, somos diversos. E, somente a expressão dessa singularidade, idiossincrasias poderão ser expressão da ética desejável, aquela que não exclui as diferenças, mas oportuniza a todos e todas, poder ser acolhidos como expressão de uma

natureza que não está marcada pela pecha e preconceito colocado pelo movimento da Luzes, a ilustração, que se obrigou a fazer de todo e qualquer animal e também dos humanos, como “primitivos”; “violentos”, “predadores” e “perversos”.

Essa imagem aplicada às pessoas e animais, foi criada para dar ao estado político e cultural moderno, uma virtude que ele nunca teve: a da convivialidade sem massacres, sem a força bruta, sem a concorrência, sem sangue. Animal algum das cavernas era predador no sentido descrito pela “ciência moderna”, que tratou a natureza como selvagem e má, destrutiva.

Ensinou que seríamos ‘brutos’ ou bons selvagens, se a gente não abraçasse a cultura, como a obra civilizatória capaz de nos redimir da brutalidade imanente que contém ontologicamente.

TODOROV aponta que os modernos não tinham pejo de se afirmar maus por natureza, mas não sabiam confessar a nota antropológica mais importante das pessoas todas, a sua indescartável **incompletude**.

Nunca aceitamos que essa cultura nos levaria a nos destruir e a destruir o que estivesse ao nosso redor. Tínhamos, pois, que imprimir a civilização ocidental nas veias, para poder emprestar a esta “cultura superior” o que ela intenciona: ‘salvar’ a natureza de sua destrutividade intrínseca!

Ora, nenhum animal mata por gozo; nenhum animal mata gratuitamente outro, menos ainda por divertimento; nem mata pessoas gratuitamente; quando o faz é para se alimentar e sobreviver, ou para se defender.

Um animal só agrediria, sem ter fome, quando bem ‘socializado’ por nós, já neurotizado pela cultura de crueldade dos seus amos. Nenhum animal odeia! Ódio é coisa nossa.

Merleau-Ponty vai deixar isso tão claro, o quanto a nossa cultura é incapaz de Interculturalidade, e nos municia para a destruição de toda a diferença. Em Merleau-Ponty, a colonização da cultura só se estabelece com a prerrogativa, centrípeta de se constituir um *para si*, de si. Centro, pretendidamente, ‘razoável’ que intenciona endireitar matando toda diferença e alteridade, para estabelecer a paz vitoriosa dos cemitérios, e a cruel (des)ordem pelo matança em alta intensidade das grandes narrativas de controle e matanças – a PAX ROMANA: “Queres a paz: prepara a guerra!” Estabelecendo-se, nessa incultura, de forma auto-referenciada, como vórtice civilizador, pessoas, ‘líderes’, aplicadores da justiça, governos, assembleias e parlamentos que se imputam de estado, se julgam possuidores das razões e verdades inerrantes acerca de um mundo que se tornou, em nível planetário, uma monstruosidade permeada de zumbis que decreta um número inenarrável de indivíduos expulsos das decisões principais sobre suas vidas e a de outrem.

O que tem de mais significativo e revolucionário para a Educação das Crianças?

Há outro motivo pelo qual a pedagogia merleau-pontyana precisa com urgência ser conhecida e divulgada nos cursos tanto da pedagogia quanto da psicologia. Mas sobretudo pessoas que trabalham com crianças necessitadas econômica e culturalmente de uma educação emancipatória: alertamos a educação de Piaget, veremos logo a seguir segue o rumo oposto. Não é educação que sirva nem aos setores oprimidos, nem às pessoas mais próximas de uma cultura mais humanizada e de raiz.

A inércia dominante estabelecida de Jean Piaget.

E, de maneira particular, a base filosófica etnocêntrica que se consolidou no Piagetianismo. Jean Piaget se imortalizou como filósofo na epistemologia quando Merleau-Ponty insurgiu-se com seus modelos epistêmicos – a psicologia genética. Ele ficou tão irritado, e fez um texto reivindicando ter sido professor de filosofia, desqualificando o texto de Merleau-Ponty.

O texto que gerou o conflito é o texto de Merleau-Ponty que consta na coleção de OS PENSADORES, e pelo qual, PIAGET ganha também um espaço para atacar Merleau-Ponty. O texto de Merleau-Ponty era um texto provocativo mesmo, seu título era: “Em toda parte e em parte alguma” pelo qual M.Ponty insistia que não havia um órgão epistemológico específico no corpo, era o corpo todo que mantinha um nível de sensibilidade e de inteligência que respondia mais rápido do que o cérebro quando fosse necessário. Tese depois retomada por Deleuze, mostrando que nenhum órgão sozinho dá conta de substituir o conjunto de operações cognitivas oportunizadas pelo esquema corporal. E, que o cérebro sozinho não existiria e nem poderia exercer sua função de maneira isolada. Mais. Qualquer ato de um dos nossos sentidos, sempre traziam consigo outras expressões conjugadas de todo o nosso corpo. No sentido que, ao cheirar, posso sentir música, posso ver cores, posso sentir mudanças no tato, etc... Todo sentido era parte de expressão conjugada de uma **sinestesia** de atuação do corpo inteiro sensível; todos os sentidos com as traduções cujos sentidos nascentes, sequer possam abranger no e pelo pensamento toda riqueza de significações que vivendo e experimentando, uma sensação dela emerge percepções de sensações e sentidos que conduzem a uma experiência muito mais rica. Trocam funções. Os olhos tocam, os dedos ouvem, o olho cheira, e assim por diante. Só agem na interlocução e apreensão de uma totalidade, produzindo o que poderíamos chamar de intercomunicações.

Merleau-Ponty insiste, ademais, no mistério do mundo, a um sujeito incapaz de aprender o mundo e “jantá-lo” de uma garfada só, na qual a pretensão científica leva a reducionismos longínquos acerca dos fenômenos que se manifestam. Merleau-Ponty constata pelas afasias, e pelas experiências com micro-organismos, na mesma direção que também dará Maturana, que as interpretações do mundo, não tinham uma prerrogativa de qualidade “superior” às das epistemologias de outras culturas, salvo as dimensões de uso obsessivo, que caracteriza o pensamento ocidental no afã da concentração e da produção intensiva, que “nada deixe para depois” deixando um rastro de destruição, de saturação, de impossibilidade de manter a vida com qualidade.

Merleau-Ponty constata ademais que o corpo de cada pessoa, em culturas muito diferentes, experimenta um mundo do qual só poderia ser reconhecido como inteiramente verdadeiro, naquele corpo.

Professor Celso Prudente acena a que as culturas traziam narratividades, inclusa de fenômenos expressos, alguns deles figuravam no *Livro dos Mortos*, do Egito e, que, hoje, como ontem, a ciência sempre atribuiu ao animismo, à primitividade do pensamento selvagem, inclusive gerando o imaginário de um Egito que não poderia situar-se no continente africano.

Hoje, as epistemologias Egito, descobrem afinidades com a física quântica, com a neurociência, com a intra-corporalidade entre seres humanos e animais, humanos e plantas, e então ganham o status de modernas descobertas da ciência de fronteira.

O mesmo ocorreu com o pensamento, mas também a matemática, a arquitetura, a medicina, a astronomia fundadas no pensamento árabe, sírio e turco, os quais foram sequestrados deles, inclusive pela desaparecimento destes povos na história de uma Europa mítica ‘civilizada’ que era um UTOPIA, diz Enrique Dussel, ela nunca existiu, mostra Enrique Dussel. Chega a ser indecente, chegar na Espanha, por exemplo e negar o que a arquitetura não cala, o domínio absoluto da marca beduína, moura, nas artes, na música, nos costumes. A fronteira ideológica se faz pela negação de tudo o que não começou no, pelo e como ocidente. Tanto conhecimento árabe, turco, fez os fundamentos do ocidente que lhes foi sequestrado e invisibilizado as origens, inclusive da lógica, das categorias e dos grandes critérios para geração de uma catalogação via classificação e taxonomia dos seres vivos, irretocável, desde os primórdios feitas por um mouro egípcio, não branco: Aristóteles.

Piaget, não pode ignorar Merleau-Ponty, e hoje tem espaço na coleção de “Os Pensadores” pelo único texto que se investe contra Merleau-Ponty desautorizando Merleau-Ponty a falar em nome da ciência! O título de Merleau-Ponty era uma aporia, uma contradição com certeza; ele a entendia que com esta forma de dizer, enunciava, como figura de linguagem e enunciativa, precisamente o tese do texto: Não está em um lugar isolado, sozinho separado; mas está amalgamado a todos os outros sentidos do corpo, sem separação e barreiras definidas. Mas, Piaget tomou o lado curioso, dizendo que Merleau-Ponty estaria fazendo qualquer coisa menos filosofia, pois isso feria o princípio de não contradição. E, por isso é uma expressão de senso comum.

Não precisamos nem tomar isso como fundamental. Até por que a fenomenologia usa muito as ambiguidades, o tempo todo, e as contradições o tempo todo, porque nada disso está separado de todas as outras dimensões.

O aparato lógico de Piaget, também o desconhecimento do estilo de filosofia não o ajudou a compreender Merleau-Ponty.

Eu, tenho afirmado que a Epistemologia genética possui um modelo epistemológico no que se refere aos seus fundamentos antropológicos claramente antropocêntrico e etnocêntrico.

Estas duas modalidades não permitiriam que ele pudesse ser ‘neutro’ como pretende em seu modelo antropológico.

Eric Hobsbawm denuncia de maneira absolutamente acertada no texto das *Formações das Sociedades Pré-capitalistas* o que ele chama de desenvolvimento (progresso) linear ascensional que, chega muitas vezes ao marxismo, e outorga aos que estão no ápice da HUMANIDADE - que é a mesma humanidade em essência no dizer dos modernos -, que faz com que, aqueles que fossem privados dos meios de avanço, pudessem alcançar a superação de sua ‘desigualdade’, por meio de processos aceleradores, que os tornassem iguais. Lembram dos processos de aceleração que se colocava em uma pedagogia para escolas cuja populações de crianças e jovens estavam no ‘atraso’! Vale a pena ver o texto de Hobsbawm que faz o comentário e o prefácio, também, acerca do texto das Sociedades Pré-capitalistas criticando este *pré*, porque dizia que não podia considerar um simplificação ou um atravessamento o chamado *pré* que era um diferença cultural e não um ERRO, Mas também criticava que era estratégia de assimilação. Pois quem estava acima, e superior, passava a se conceder o direito de tirar a diferença, para equalizar, por silenciamento as diferenças.

Realizados estes processos, por aqueles que estão no píncaro da civilização, em estágios superiores aos demais, aqueles que possuem o pensamento “mais complexo”: o pensamento lógico matemático ocidental: considerado, por Piaget, **a representação mais avançada civilizatória modelar** para qualquer outro ser humano, que se tornará menor e desabilitado, à falta dele!

Foi longo o período escrito, acima, para mostrar **como e porque** toda a ‘diversidade cultural’ –será sempre insuportável à branquidade - deverá sofrer ação corretora do esmeril que a torne a mesma humanidade “branca”, ocidental, lógica, com a mesma matemática decorada das taboadas e da repetição os fenômenos para comprovar, amanhã, a inferioridade dos negros e negras, dos ciganos e ciganas, das mulheres, das crianças, dos animais – sem exceção!

Não vou entrar no mérito de que Piaget efetivamente respondeu simetricamente à tarefa para ao qual os americanos lhe pagaram sobejamente.

O fato é que ele foi chamado ao Projeto da NASA, em crise. Chamado que foi, para reunir uma grande equipe, com financiamento de Estado e da NASA para cicatrizar a ferida narcísica, feita pelos russos ao terem enviado uma cadelinha LAIKA, para o Espaço sideral e de lá, ela voltar com vida.

Faltou à ciência americana dispositivos simples para fazê-lo; e, a falta da imaginação americana de não ter usado o mesmo estratagema, **antes dos russos**, na grande corrida espacial.

Ficará difícil imaginar uma educação para a cidadania, para a comunhão, para o respeito, para aprender em comunhão, neste modelo de corrida, individualista, guerreiro, e sobretudo assimilacionista.

Acabar com as diversidades epistemológicas, com as distintas culturas, com as distintas humanidades homogeneizando todas as diferenças em um tipo único de cultura reconhecidamente matriz universal do único modo de ser gente, significará também **modalizar esse modo de ser, como modo absoluta**, e punir todo, todas e tudo o que a desautorize. Se necessário for, serão excluídos todos e todas que osem confrontá-lo.

O grande problema de PIAGET não foi filosófico, foi político no pior sentido, de autorizar a supressão de toda e qualquer cultura que não se identificasse com o *american way of life* – sendo ele francês!

É preciso enxergar por baixo da trama, dizia Merleau-Ponty, o que fica na invisibilidade. E se referia ao desenho das pessoas que fazem tapetes ou bordados, quando se olha pelo avesso, é possível que sentidos inteiramente novos, nos mostrem o sentido do primeiro desenho na face. E, diz Merleau-Ponty, dali emergem sentidos e mais sentidos antes ocultos.

E, dizer porque em grande parte este modelo Piagetiano se difundiu com tanta largueza e interesse; e, perguntar, no modo capitalista de produção, *quem o financiou? E, para que? E com que interesse?*

Pode esse modelo trazer – assimilacionista e colonizador - produzir uma educação voltada à paz, à autonomia, à emancipação?

A afirmação da diversidade, ou ao contrário, interditar definitivamente, toda a ousadia de contestar o modelo geral, universal, imposto, a quem servirá?

Não deixa de ser estranho que Piaget biólogo peregrino na filosofia, e com interesses antropológicos na psicologia, não se perguntasse no uso que este sistema teria, considerado o espírito da “América para os americanos”, deixando como enunciado a absorção homogeneizadora para um único modelo universal de ser pessoa humana!

Contudo...

A epistemologia genética tem sido preferencialmente o modelo tanto da pedagogia como da psicologia, que se difunde sem considerar a crítica do Merleau-Ponty.

Por desconhecer, é óbvio, o texto de Ponty que circula em âmbito de alguns países, no Brasil já há alguns anos, sem confrontar com a possibilidade, de que não exista uma essência humana universal, nem existiria, um único mundo a partir do olhar dos opressores, que pudesse ser congruente com o modelo epistemológico concebido como realidade a ser enxergada por todos e qualquer outro olhar.

Resumindo: há, na epistemologia genética um “sutil” etnocentrismo alimentado por um evolucionismo linear - Hobsbawm (é como Hobsbawm o expressa), logicamente na crítica de um marxismo evolucionista chamado por ele, ascensional em seu prefácio às *Formações pré-capitalistas* de Marx e Engels. Tese de que a humanidade e os sujeitos humanos são estrutural e substancialmente **os mesmos**; a diferença cultural com distâncias astronômicas de um grupo humano para outro, mostra – na expressão de Clifford Geertz – “fósseis humanos” ainda contemporâneos que sobrevivem nas sociedades sem estado, de sorte que essa condição ‘primitiva’, isso é, mostra a nós que eles são hoje, o que éramos ontem, antes de nossa evolução programada.

Do outro lado estamos nós (Oh, Glória!), no plano civilizatório cultural mais complexo e superior da cultura lógico matemática abstrata... No mais alto patamar de desenvolvimento (Halleluya!), obtido pela complexidade do pensamento abstrato, lógico-matemático.

(Por óbvio, é ignoraram a sofisticadíssima matemática do pensamento turco e árabe! Nem as medidas da Catedral de S. Estephan, em Viena (AUSTRIA), feita apenas por três medidas repetidas, que produz toda variação.

O que permitiu que complexíssima sociedade capitalistas, brancas, criar esta sociedade atolada no ato suicida e na feroz violência, que jamais assaltou de maneira tão ampla e espriada QUALQUER OUTRO MOMENTO DA HISTÓRIA, representa a melhor humanidade possível à qual todas as outras sociedades (atrasadas).

E esta superioridade lhes confere o direito de estimular e diminuir a diferença através de processos tecnológicos de impacto, em curto prazo, em vista a acelerar (Isso é dito no texto de prefácio do Hobsbawm) e diminuir distâncias, posto que todas as sociedades estão destinadas universalmente a esse desenvolvimento..., “por justiça”.

Ora, esta sociedade não sobrevive sem mitos, todos eles irracionais, no seu pensamento cérebro. E tem mais.

A Pedagogia de PIAGET, embora oscile entre muitas direções, ela está prenhe de um **adultocentrismo prepotente**, que imagina que conseguimos enxergar com nosso olhos, olhando as crianças de fora e por cima -, com a concepção irrefreável, de que tudo está homogeneizado... E, que é necessário inculcar na cabeça das crianças, a ordem social dominante, ainda que saibamos que ela tende para o silenciamento, para a domesticação, para a uniformidade, para a destruição da criação, tudo o que está dominado, por baixo e por cima.

Toda antropologia é também voltada para legitimação, como direito à verdade, toda a leitura, voltado a um desenvolvimento linear ascensional, pelo qual, os adultos, precisa escutar a olhar do outro (a) voltado – também a ser adulto, como o estágio mais avançado.

Nenhuma sociedade considerada primitiva tem da criança essa forma de coisa voltada para ser brinquedo de adulto. Todas as sociedades reconhecem na criança, e às vezes de maneira radical, um ser humano que se mostra, mas que possui já uma identidade que só aos poucos revela e que se desdobra e inova.

A criança não é uma coisa parcial, incompleta. Ela é já uma unidade que se expressa na corporeidade que a conforma em diálogo com a cultura e o ambiente de forma pessoal e singular. Vive o mundo de maneira plena, mergulhada nele por todos os poros, de maneira visceral, intuitiva, compreensiva, não analítica, cheia de significados; sem poder contudo expressá-lo ainda como ‘objeto’ coisa que o mundo nunca o será.

Está é a nossa mais grave esquizofrenia, parte, outra vez, da pressuposição que ninguém poderia entendê-los senão a partir da nossa esquizofrenia.

Dominam operações extremamente complexas pela fome de sobreviver a adquirir expressividade e domínio que não precisará ser destrutivo conduzindo-a a dominar linguagens e expressividades para comunicação relação e vitalidade feliz.

Isso legitimaria uma forma de dominação, chamei, em entrevista ao IHU, então, uma “Pedagogia sem ouvidos”. “Isso legitimaria, diz Hobsbawn, a intervenção do grupo em condições de superioridade de justificar intervenções por meio de aceleração qualificada, para fazer hoje, junto às pessoas de outras sociedades, ser amanhã o que somos nós hoje, permitindo-os o desenvolvimento máximo acenado aos humanos, os moldes da civilização ocidental. Isso se chama, no melhor português, assimilação! Perversão do nosso autoconhecimento que nega efetivamente o outro como o outro, e busca homogeneizar não os reconhecendo como humanidades universais, mas, ao mesmo tempo, diversas.

No Pensamento Piagetiano auto-referente nós somos o princípio, o meio e o fim. A gradação do conhecimento percorrer o lugar comum ilustrado do primitivismo, ilusório, e perde-se a dimensão de uma das dimensões mais ricas de um pensamento que não mata a fantasia, a poesia, uma imaginação criadora e a corporeidade em ascensão.

Retirei a bibliografia. Passos.

